

METAMORFASES DA LÍNGUA LOBATIANA

Página Inicial

Especial - Acordo Ortográfico

Agenda de Eventos

Artigos e Ensaaios

Blog

Livros

Polêmica nas Letras

Reflexões sobre o ensino de língua(s)

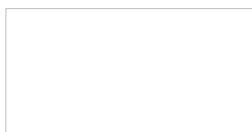
Resenhas

Textos literários

Edições Anteriores



Veja também



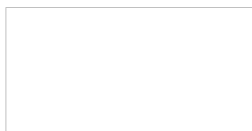
Biblioteca Digital Mundial



Ceditec



Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa



Dicionário de Termos Lingüísticos

Rosane de Bastos Pereira^[1]

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) fez várias alterações nos seus livros, algumas devido a mudanças gramaticais da Língua Portuguesa, outras em virtude da passagem do tempo, que o levou a rever o texto para as reedições e o tornou mais próximo da realidade do leitor. Outras vezes modificou as histórias no sentido de aprimorar as falas, readequá-las e aperfeiçoá-las. O homem Lobato parecia ser irrequieto e detalhista. Os personagens cresciam, tomavam corpo, adquiriam uma nova consciência e o autor, nas entrelinhas, lutava contra as excrescências da escrita, em uma espécie de irritação e paixão diante de sua ferramenta básica – a palavra.

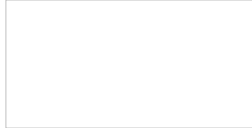
As mudanças observadas nas primeiras histórias que integram o Sítio do Picapau Amarelo, que começam com *A Menina do Narizinho Arrebitado*, publicado pela *Revista do Brasil* e pela Monteiro Lobato e Companhia, em 1920, e o título definitivo, *Reinações de Narizinho*, em 1931, são marcantes. A primeira fase reflete o Brasil que dava passos ainda titubeantes na constituição da República e, a segunda, está mais atualizada e dentro de um contexto diferenciado, visto que o autor tinha recém-chegado ao Brasil, depois de viver alguns anos nos Estados Unidos (1927-1931) como adido cultural, e aqui retomou o projeto literário.

Pode-se observar, nos dois trechos abaixo, o trabalho do escritor para lapidar o texto. Um pertence à obra original, que se encontra no Centro de Documentação Cultural Alexandre Eulálio (Cedae) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e o outro à coleção pesquisada^[2], de 1957, publicada pela editora Brasiliense. Os dois se referem à abertura da obra que inaugura o surgimento do Sítio do Picapau Amarelo. Dona Benta nasce desdentada, quase cega, e mais tarde é uma senhora culta que, ao invés de setenta anos, passa a ter sessenta. Ela é a detentora do conhecimento, o que define a visão de mundo do autor, presente em dois contextos de um Brasil que passava por mudanças, que evoluía e se tornava menos atrasado. Narizinho aparece como órfã pela primeira e última vez, e a linguagem inicial é própria de um Brasil que carregava ranços coloniais:

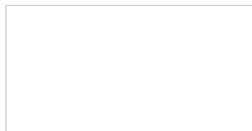
***A Menina do Narizinho Arrebitado*/1º capítulo: O somno à beira do rio**

NAQUELLA casinha branca, – lá muito longe, móra uma triste velha, de mais de setenta anos. Coitada! Bem no fim da vida que está, e tremula, e catacega, sem um só dente na boca – jururú... Todo o mundo tem dó d'ella: __ Que tristeza viver sozinha no meio do mato...

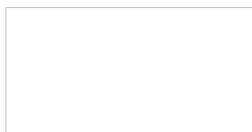
Pois estão enganados. A velha vive feliz e bem contente da vida, graças a uma netinha órfã de pae e mãe, que lá mora des'que nasceu. Menina morena, de olhos pretos como duas jaboticabas __ e reinadeira até ali!... Chama-se Lucia, mas ninguem a trata



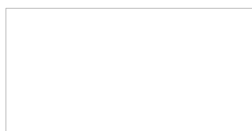
Domínio Público



GEScom



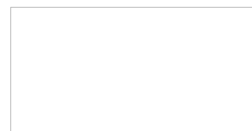
GETerm



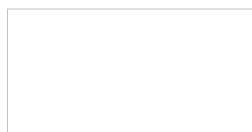
iLteC



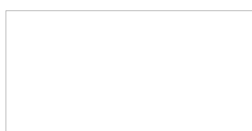
Institut Ferdinand de Saussure



Portal de Periódicos Capes



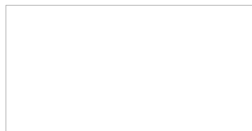
Portal de Revistas Científicas Persee



Revue Texto!



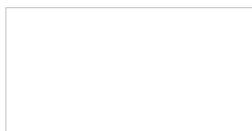
Texto livre



TRIANGLE



UEHPOSOL



Universia

assim. Tem apelido. Yayá? Nenê? Maricota? Nada disso. Seu apelido é “Narizinho Rebitado”, ___ não é preciso dizer porque (LOBATO, 1920^[3], p.3).

Reinações de Narizinho/1º capítulo: I-Narizinho

Numa casinha branca, lá no sítio do Picapau Amarelo, mora uma velha de mais de sessenta anos. Chama-se Dona Benta. Quem passa pela estrada e a vê na varanda, com uma cestinha de costura no colo e óculos de ouro na ponta do nariz, segue seu caminho pensando:

___ Que tristeza viver assim tão sòzinha neste deserto...

Mas engana-se. Dona Benta é a mais feliz das vovós, porque vive em companhia da mais encantadora das netas ___ Lúcia, a menina do narizinho arrebitado, ou Narizinho como todos dizem. Narizinho tem sete anos, é morena como jambo, gosta muito de pipoca e já sabe fazer uns bolinhos de polvilho bem gostosos (LOBATO, 1957, p. 3).

As alterações são perceptíveis, como se detecta nos três exemplos a seguir. O livro analisado é *História do Mundo para as Crianças*, cuja primeira edição é de 1933.

___ Há muito, muito, muito tempo, há milhões e milhões de anos, não existiam casas, nem nenhuma das coisas que só existem onde há gente – cidades, estradas de ferro, pontes, automoveis e tudo mais que se vê no mundo de hoje (LOBATO, 1933, p. 9).

___ Há muito, muito tempo, disse ela, há milhões e milhões de anos, não existia gente nessa nossa Terra, e portanto não existiam casas, nem nenhuma das coisas que só existem onde há gente, como cidades, estradas de ferro, pontes, automoveis e tudo mais que se vê no mundo de hoje (LOBATO, 1943, p. 9).

___ Há muito, muito tempo – disse ela – há milhões e milhões de anos, não existia gente nesta nossa Terra e portanto não existiam casas, nem nenhuma das coisas que só existem onde há gente, como cidades, estradas de ferro, pontes, automóveis e tudo mais que se vê no mundo de hoje (LOBATO, 1957b, p. 5).

Num dos trechos de *História do Mundo para as Crianças* (1933), acentos somem e outros aparecem, a exemplo do que se vê abaixo:

___ Nesse caso continuemos, disse Dona Benta rindo-se. Esse pedaço de Sol, que se destacou da grande massa e veio a ser a nossa Terra, não passava a princípio duma bola de materia em fusão. Com o andar dos seculos foi-se resfriando de fóra para dentro, e por fim transformou-se numa bola de pedra, envolta em espessa camada de vapores (LOBATO, 1943, p. 10-11).

___ Nesse caso continuemos ___ disse Dona Benta rindo-se. Ésse pedaço de Sol, que se destacou da grande massa e veio a ser a nossa Terra, não passava a princípio duma bola de matéria em fusão. Com o andar dos séculos foi-se resfriando de fora para dentro, e por fim transformou-se numa bola de pedra, envolta em espêssa camada de vapores (LOBATO, 1957b, p. 7).

Percebe-se, ainda, que as ilustrações também se modificam de acordo com as obras. Em *A Menina do Narizinho Arrebitado*, os desenhos são de Voltolino, bem infantis, e em estilo de revista, visto que foi publicado pela *Revista do Brasil*, em 1920. Há uma edição, no Cedaue/Unicamp, de *As Novas Reinações de Narizinho*, de 1933, que traz a continuação das primeiras histórias, com ilustração de Jean G. Villin, um pouco mais trabalhada, em que os personagens têm traços mais definidos, com e sem cor. A publicação é da Cia. Editora Nacional, de Lobato, numa série para a Biblioteca Pedagógica Brasileira.

As ilustrações de *Reinações de Narizinho*, de 1957, editado pela Brasiliense, são de André Le Blanc, e aparecem com maior frequência em alguns títulos do que em outros. Raramente são coloridas. Essa edição da Brasiliense traz nas “Notas dos Editôres” uma

menção de engrandecimento da obra lobatiana.

Reinações é mais que um simples livro. É um artigo de primeira necessidade para a psicologia e formação da criança brasileira ou sul-americana. Ninguém mais admite a existência duma criança que entre os sete e dez anos não assimile esse livro mágico e dêesse modo tome conhecimento do “céu na terra” que é o Sítio do Picapau Amarelo, onde irá viver pela imaginação dos dez anos em diante. Se outra coisa não houvesse feito Monteiro Lobato, bastaria a criação do famoso sítio de Dona Benta para torná-lo um benemérito ao tipo de Andersen, Perrault e Lewis Carroll.

O autor tornou-se amigo do educador Anísio Teixeira (1900-1971), um dos idealizadores do movimento da Escola Nova na década de 1930, que contou com a simpatia de outros escritores, entre eles a poeta - como gostava de ser chamada -, e educadora Cecília Meireles (1901-1964), que realizou um inquérito sobre leitura. Nessa fase, Lobato criou uma obra voltada para a escola. Entre os títulos estão *História do Mundo para as Crianças* (1933), *Emília no País da Gramática* (1934), *História das Invenções* (1935), *Aritmética da Emília* (1935), *Geografia de Dona Benta* (1935), *Serões de Dona Benta* (1937) e *O Poço do Visconde* (1937).

Lobato via no livro, agora também mercadoria, a razão para o deslumbramento de uma população que dos anos 20 até os 50 contou apenas com o rádio como veículo de comunicação mais moderno. O livro é também fonte de poder, inclusive os livros literários que começaram a ser vendidos às escolas e se tornaram uma espécie de filão do mercado e um complemento aos livros didáticos. Portanto, os livros traziam conteúdos de História, Gramática, Geografia, Geologia, Física, Aritmética, entre outros.

O autor das histórias do Sítio do Picapau Amarelo notou esse vácuo e aproximou a ciência do seu leitor, com uma linguagem que facilitava a compreensão. O livro era um caminho a ser percorrido para alcançar o leitor. Lobato não era ingênuo. Ao observar sua obra, percebe-se que ele não tinha um projeto elaborado, por exemplo, para a produção dos 22 volumes de O Sítio do Picapau Amarelo. Os livros foram escritos como se cada um tivesse vida própria, o que leva a crer que os títulos eram publicados de acordo com os projetos momentâneos do escritor, sujeitos a inúmeras mudanças de rumo e às próprias intempéries do jeito de ser lobatiano.

1. REFERÊNCIAS

LOBATO, José Bento Monteiro. **A Menina do Narizinho Arrebitado**. São Paulo: Monteiro Lobato e Cia, 1920. Acervo Cedae/Unicamp.

_____. **Reinações de Narizinho**. São Paulo: Brasiliense, 1957a.

_____. **História do mundo para as crianças**. São Paulo: Brasiliense, 1957b.

2. BIBLIOGRAFIA

LOBATO, José Bento Monteiro. **Emília no país da gramática e Aritmética da Emília**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Geografia de Dona Benta**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **Serões de Dona Benta e História das invenções**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

_____. **O poço do Visconde**. São Paulo: Brasiliense, 1957.

Recebido em 21 de abril de 2010

Aceito em 20 de maio de 2010

[1] Doutoranda pelo CNPq no Grupo de Estudo e Pesquisa em Ciência e Ensino (GepCE) da Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: rosane@unicamp.br

[2] Para mais detalhes, ver a dissertação de minha autoria: “Memórias do Visconde de Sabugosa”, defendida em 2006 na Faculdade de Educação da Unicamp, sob a orientação do Prof. Dr. Pedro da Cunha Pinto Neto. Acesso no site de bibliotecas da Unicamp: <http://acervus.bc.unicamp.br/>

[3] As edições aqui mencionadas, e que não são de 1957, encontram-se no acervo Cedae/Unicamp.



Todos os textos publicados podem ser livremente reproduzidos, desde que sem fins lucrativos, em sua versão integral e com a correta menção ao nome do autor e ao endereço deste site (www.lettras.ufscar.br/linguasagem).



Siga a [@linguasagem](#) no Twitter

o que é isso?